

11 FEV 1993

A doença da medicina

JORNAL DO BRASIL

LÚCIA SOUTO *

Repensar a saúde hoje em dia significa fazer um inventário do irreparável. As distorções, expressas nos serviços inadequados à realidade de saúde da população, atingiram um ponto muito além da crítica. A ineficiência tomou conta do setor saúde, gerando um importuno descrédito na população brasileira.

A *Isto É/Senhor* de 27 março de 1991 publicou uma pesquisa na qual, à pergunta: "Onde se reclama e não se é atendido?", 77% das respostas apontavam os hospitais. Os hospitais públicos também foram contemplados com 78% das respostas à pergunta: "Que instituições são ineficientes?", situando-se 30 pontos acima do segundo colocado.

Existe hoje uma atroz unanimidade que reveste em cores escuras as fachadas dos serviços de saúde no país. O desprestígio é alimentado por um modelo que quer se ver livre das pessoas, um modelo que administra as coisas em detrimento dos seres sociais. A consulta médica tornou-se um ato de exclusão, na qual a relação médico-paciente inexistente, passando a ostentar o seu avesso: uma forma de afastar o paciente, em vez de ser o adequado instrumento clínico esclarecedor dos males dos indivíduos que a procuram.

A prestação de serviços de saúde descambou para muito além da iatrogenia. Hoje, a infecção hospitalar faz parte da vida (melhor dizendo, da morte) de cada doente que se interna para tratamento, em mais um cruel paradoxo fomentado por este modelo.

A indústria farmacêutica, uma das faces desta moeda, contribui com o seu arsenal químico, inundando o mercado com soluções repetitivas e inadequadas, muitas delas feitas com associações absurdas de algumas substâncias. Dos antidistônicos aos expectorantes, os exemplos estão nas prateleiras. Sendo prescritos, indistintamente, sem avaliação.

A necessidade de serviços de saúde tem sido confundida, na maioria das vezes, com a necessidade de saúde da população. Com o agravante de que, mesmo sem uma crítica acirrada, pode até haver incompatibilidade entre as instituições prestadoras de atenção médica e os fatores contribuintes à plena saúde do indivíduo. Os móveis de uma e outra dessas necessidades podem ser bastante diferentes e até contraditórios.

O aumento dos serviços de saúde pode obedecer a um engenhoso artifício com o fim de atender aos inte-

resses da indústria produtora de equipamentos, de medicamentos, da tecnologia médica, à cata de ampliação do seu mercado. Uma vez instalados, passam a veicular os procedimentos que moldam condutas sociais, levando os atos médicos ao consumo das populações, gerando maneiras sutis de dependência, uma verdadeira iatrogenese cultural.

A necessidade de saúde é uma contingência intra e extracorpórea (e intra e extrapsíquica), cujo relevo preponderante é a adequação da vida. Para que o cidadão e os seus filhos obtenham um bem-estar físico, psíquico e social — e para que vivam de acordo com este paradigma —, pouco dependem da abundância ou escassez dos serviços de saúde. As garantias à sobrevivência do grupo social passam pelo acesso, através da escolha, dos bens de consumo imprescindíveis à vida, ofertados indistintamente pela sociedade aos seus membros, acesso auferido através dos ganhos. Neste sentido há que avaliar criticamente a oferta de serviços de saúde à população, quando seus reais anseios passam por necessidades que, se fossem supridas, não emergiriam em patologias.

A saída para o impasse da prestação de serviços de saúde no Brasil

passa por mudanças radicais e ousadas. A ineficácia dos serviços comprova a sua inutilidade. Que ninguém pode mais esconder. Este modelo perdulário, que produz o oposto de que se proporia, consumidor de energias e de finanças, que não estabelece relação de compromisso com nada, conseguiu dar os passos para a degradação de todos, dos profissionais aos usuários. Saudamos a falência deste modelo enquanto a falência de um paradigma, deste modelo estatal não público, que incentivou a doença e não a saúde e que muito mais que inútil é danoso, destrutivo, desumano.

Este modelo, rígido, sem vitalidade e amorfo, consoante com o totalitarismo que o criou, não permite o processo do fluir, da pluralidade, da construção de relações novas, da liberação de energia criadora, próprias ao tempo democrático. Representa algo que está pronto e acabado e, portanto, inerte, solidificado, autoritário. Os ares que o renovarão só necessitam incorporar o movimento da democracia, a fim de equilibrar, através da riqueza do encontro das diferenças, o direito da sociedade a ter saúde.

* Médica sanitarista e deputada estadual (PPS- RJ)